Henrique Morais

Situação da banca e a crise do sistema bancário

EM JULHO DE 2010, o Comité das Autoridades Europeias de Supervisão Bancária divulgou os resultados do que ficou conhecido como "*stresse test*" (doravante teste de stressee) aos bancos europeus, num processo que contou com a cooperação do Banco Central Europeu e dos bancos centrais nacionais da União Europeia.

Era, pelo menos até à data, o culminar de um processo gradual de tentativa das autoridades monetárias de restabelecer a confiança plena dos agentes económicos no sistema financeiro, muito penalizada desde os acontecimentos de 2007/2008, nomeadamente desde a crise do *subprime*.

Este artigo encontra-se organizado em três pontos: começamos com uma análise dos desenvolvimentos desde 2008 até ao presente a nível da banca europeia; em seguida procedemos à avaliação da situação do sistema bancário europeu à luz dos resultados dos testes de stresse mencionados; por último, focalizamos a nossa atenção na banca nacional, também em função dos referidos testes.

De 2007 à actualidade

Passados já mais de três anos desde o Verão quente de 2007, momento em que eclodiu a 1.ª vaga da impetuosa crise financeira cujos efeitos ainda se estão a sentir nas principais economias mundiais, começa a ser possível definir com contornos mais exactos uma cronologia dos principais acontecimentos.

Deste modo, após uma primeira vaga, cujos sinais remontavam a 2006, com o forte abrandamento do mercado da habitação nos EUA e com o aumento do crédito de alto risco, o chamado *subprime*, sucedeu um período de alguma acalmia, até ao final do 1.º trimestre de 2008.

Nessa altura, as instituições financeiras voltaram a sentir fortes dificuldades, ironicamente também devido às restrições que elas próprias impuseram à concessão de crédito, que se exacerbaram, em Setembro de 2008, com a falência do banco Lehman Brothers, a nacionalização das duas gigantes do mercado de crédito hipotecário norte-americano (Fannie Mae e Freddie Mac), as dificuldades da seguradora AIG e a virtual paragem do mercado monetário.

Ao longo deste período, e nos anos seguintes, as economias avançadas desenvolveram e implementaram um conjunto de medidas de estabilização financeira, nomeadamente a nível das operações de política monetária (com o alargamento do colateral e as contrapartes elegíveis nas operações de cedência de liquidez), da facilitação das condições de liquidez das instituições financeiras e do próprio funcionamento do mercado do crédito, bem como através do chamado "*quantitative easing*"[1].

Assim se conseguiu efectivamente conter as pressões na liquidez bancária e, de certa forma, se viabilizou uma certa normalização do sistema monetário internacional.

Todavia, a situação do sistema bancário continua precária face, entre outros, à forte diminuição da rendibilidade e dos lucros dos bancos, à deterioração dos activos bancários, à queda abrupta das cotações em bolsa[2], à fragilidade do mercado de emissão de dívida bancária.

Por outro lado, sobretudo nalguns mercados europeus mais periféricos ou de economias mais fragilidades pelo peso dos défices orçamentais (Portugal, Espanha, Grécia), os bancos sentem ainda sérias dificuldades de financiamento no mercado interbancário.

A situação da banca europeia...

Perante o cenário anteriormente descrito, e com o objectivo de avaliar a resistência do sistema bancário da União Europeia a acontecimentos económicos adversos e averiguar de que forma o sector bancário resistirá a possíveis choques associados a riscos de mercado ou de crédito (incluindo o risco soberano[3]), o Comité das Autoridades Europeias de Supervisão Bancária promoveu em 2010 os testes de stresse.

Foram analisados 91 bancos europeus, correspondentes aos 27 Estados membros da União Europeia, em cada um dos quais se assegurou que pelo menos 50% do respectivo sistema bancário estaria coberto pelo exercício. Estes 91 bancos representam, globalmente, 65% do total dos activos do sector na União Europeia.

Definiram-se dois cenários macroeconómicos para os Estados membros (e para a União Europeia globalmente considerada), um cenário de referência e um cenário adverso, o primeiro dos quais baseado nas previsões de Outono de 2009 e de Fevereiro de 2010 da Comissão Europeia, o segundo resultante das estimativas do Banco Central Europeu. Com base neste cenário adverso ainda se definiu um cenário extremo associado à existência de risco soberano.

As variáveis macroeconómicas utilizadas incluem o Produto Interno Bruto, o desemprego, as taxas de juro de curto prazo e de longo prazo, a taxa de câmbio nominal do euro face ao dólar[4]. Para além disso, os preços do mercado imobiliário foram igualmente tidos em conta.

No cenário de referência considerou-se uma recuperação do crescimento do PIB face ao forte abrandamento de 2008-2009. Todavia, no cenário adverso, registar-se-ia uma recessão na área do euro, enquanto na União Europeia ao crescimento nulo de 2010 sucederia um decréscimo do PIB em 2011.

Foram considerados choques particularmente adversos a nível da curva de rendimentos no final de 2011, com fortes acréscimos da Euribor a 3 meses e da taxa de rendibilidade da dívida pública a 10 anos, a que se juntaram ainda choques específicos mais significativos para alguns Estados membros.

	Cenário Central		Cenário Adverso	
	2010	2011	2010	2011
Produto Interno Bruto[1]				
Área do euro	0,7	1,5	-0,2	-0,6
Portugal	0,5	0,2	-0,3	-2,3
Desemprego[2]				
Área do euro	10,7	10,9	10,8	11,5
Portugal	11,1	11,9	11,3	12,8
Taxa de juro curto prazo[3]				
Área do euro	1,2	2,1	2,1	3,3
Portugal	1,2	2,1	2,1	3,3
Taxa de juro longo prazo[4]				
Área do euro	3,5	3,8	4,4	5,3
Portugal	4,7	5,1	7,0	8,5
Inflação[5]				
Área do euro	1,1	1,5	1,1	1,1
Portugal	1,3	1,4	1,3	0,9

Evolução das principais variáveis macroeconómicas.
[1] Taxa de variação homóloga. [2] Em percentagem da força de trabalho. [3] Euribor a 3 meses. [4] Títulos do tesouro a 10 anos. [5] Taxa de variação homóloga do IPC. Fonte: CEBS, Julho 2010.

	Cenário Central		Cenário Adverso	
	2010	2011	2010	2011
Produto Interno Bruto[1]				
União Europeia	1,0	1,7	0,0	-0,4
Área do euro	0,7	1,5	-0,2	-0,6
Portugal	2,2	2,0	1,5	0,6
Desemprego[2]				
União Europeia	9,8	9,7	10,5	11,0
Área do euro	10,7	10,9	10,8	11,5
Portugal	10,0	10,2	10,2	11,1

Cenários para PIB e desemprego.
[1] Taxa de variação homóloga. [2] Em percentagem da força de trabalho. Fonte: CEBS, Julho 2010.

O teste incidiu na análise da adequação dos níveis de capital dos bancos, no período de 2010-2011, não tendo o risco de liquidez sido sujeito a uma análise de stresse. Por outro lado, foi utilizada a informação contabilística consolidada dos bancos, disponível em finais de 2009.

Como principal conclusão dos testes de stresse, verifica-se que o rácio de capital agregado designado *Tier 1*[5] decresceria, perante um cenário adverso que incluía risco soberano, para 9,2% no final de 2011, face a 10,3% em 2009.

As imparidades corresponderiam à principal origem das perdas (472,8 mil milhões de euros nos dois anos analisados), enquanto as perdas associadas à negociação rondariam os 25,9 mM euros e as perdas resultantes do risco adicional (soberano) se situariam em 67,2 mM euros. Em conclusão, o sistema bancário europeu teria de suportar perdas globais de 565,9 mM de euros.

Muito embora a Directiva de Requisitos de Capital aponte para um rácio *Tier 1* de 4%, nos testes foi utilizado o valor de referência de 6%. Ora, dos 91 bancos testados, 7 bancos (5 espanhóis, 1 alemão e 1 banco grego) veriam o *Tier 1* abaixo de 6%, necessitando portanto de um reforço de capital. Nesse contexto, as necessidades de capital associadas a estes bancos rondariam os 3,5 mM euros.

Os resultados apontam para uma significativa capacidade global de resistência dos bancos europeus aos choques apresentados, o que está associado, por um lado, ao forte apoio das autoridades que foi concedido ao longo do período mais agudo da crise entre

2008 e 2009, às expectativas (e estimativas) de crescimento económico bem mais favoráveis para o período em análise (2010-2011) do que o verificado nos dois anos anteriores[6], bem como ao impacto favorável na margem financeira dos bancos da subida prevista no cenário para as taxas de juro de curto prazo. Por outro lado, boa parte dos bancos que foram testados tem uma forte penetração em mercados não europeus, onde as perspectivas de crescimento económico são substancialmente maiores.

… e dos bancos portugueses

O banco central português conduziu a realização dos testes de stresse aos quatro maiores grupos bancários nacionais: Caixa Geral de Depósitos, Banco Comercial Português, Espírito Santo Financial Group e Banco BPI. Dado que o Banco Santander Totta (que representa 8,8% do total do activo do sistema bancário português) foi incluído nos testes realizados pelo Banco de Espanha ao Banco Santander, na prática, 74% do sistema bancário português foi analisado.

Tal como para os restantes bancos europeus, partiu-se de um conjunto de pressupostos de natureza macroeconómica, definidos em função de um cenário de referência e de dois cenários adversos, um dos quais admitia a existência de risco soberano, materializado numa subida brutal da taxa de juro dos títulos de dívida pública a 10 anos.

	CGD		BCP		ESFG		BPI	
2009	8,4		9,3		7,7		8,5	
	Cenário Adverso	Risco Soberano	Cenário Adverso	Risco Soberano	Cenário Adverso	Risco Soberano	Cenário Adverso	Risco Soberano
2011	8,4	8,2	8,4	8,4	7,4	6,9	10,3	10,2

Evolução dos rácios de capital dos bancos portugueses. Fonte: Banco de Portugal, Julho de 2010.

O cenário de referência foi extremamente cauteloso, como se comprova pela previsão de desaceleração do crescimento do PIB entre 2010 e 2011, de 0,5% para 0,2%. Ainda a propósito do PIB, no cenário adverso, previu-se um crescimento do PIB de -0,3% e -2,3%, nos dois anos referenciados, o que, a materializar-se, representaria a recessão mais prolongada e severa de que há registo. Acresce ainda a previsão, no cenário adverso, de um máximo histórico do desemprego, que atingiria 12,8% no final de 2011.

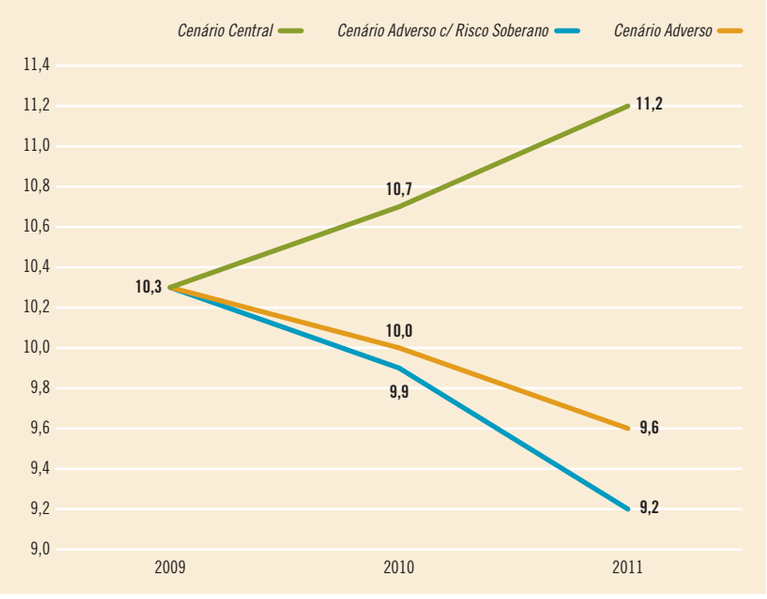
O cenário adverso com risco soberano foi diferenciado do cenário adverso sem esse risco através de um acréscimo substancial (no primeiro) da taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos.

O teste assentou no cálculo do impacto dos cenários macroeconómicos enunciados nos resultados e nos níveis de solvabilidade dos quatro grupos bancários, assumindo as seguintes hipóteses: i) utilizou-se a informação contabilística consolidada referente a Dezembro de 2009; ii) a evolução das probabilidades de incumprimento e das perdas dado o incumprimento (LGD) estimada ao longo do horizonte de projecção é consistente com os cenários de referência e adverso, seguindo a metodologia do exercício a nível europeu; iii) as rubricas do balanço permanecem constantes ao longo de 2010 e 2011 e iv) foram assumidas várias hipóteses a nível das principais fontes de risco nas demonstrações financeiras, designadamente quanto ao risco do mercado accionista, da taxa de juro, da projecção da margem financeira, da posição financeira dos fundos de pensões dos empregados bancários, do reconhecimento de imparidades associadas à redução dos preços no mercado imobiliário, entre outras.

> “Apesar da deterioração dos indicadores de rendibilidade e solvabilidade [...] os bancos portugueses [...] mostram capacidade para absorver [...] choques adversos [...]”

O teste de stresse revelou uma deterioração da solvabilidade dos bancos portugueses nos cenários adverso e adverso com risco soberano, o que pode ser atribuído aos factores de risco mais significativos para a banca nacional, designadamente, as flutuações dos preços das acções (sobretudo pelo seu impacto nos fundos de pensões dos empregados bancários) e as perdas de imparidade líquidas associadas à carteira de empréstimos (que aumentam significativamente devido à conjugação de taxas de juro mais elevadas com uma redução acentuada do PIB e um aumento da taxa de desemprego). No entanto, o aumento das taxas de juro de curto prazo em 2010 e 2011 provoca um acréscimo significativo da margem financeira dos bancos e, deste modo, dos respectivos resultados líquidos.

Apesar da deterioração dos indicadores de rendibilidade e solvabilidade no cenário adverso, os bancos portugueses analisados mostram capacidade para absorver esses choques adversos, continuando a apresentar rácios de capital *Tier 1* superiores ao nível de referência utilizado (6%), muito acima portanto dos requisitos de capital[7]. Em conclusão, o exercício não implica medidas de recapitalização dos bancos portugueses.



Evolução da *Tier 1* (em %). Fonte: CEBS, Julho 2010.

Conclusões

Nas palavras do vice-presidente do BCE, os testes de stresse terão sido os mais alargados e severos, na escala a que corresponderam, alguma vez realizados nas economias avançadas. Todavia, tal como o copo pode estar meio cheio ou meio vazio, consoante o perfil de quem para ele olha, dificilmente um mercado *bearish* e que claramente valoriza as más notícias poderia ser radicalmente alterado, por melhores que fossem os resultados.

Não espanta portanto que, por um lado, não tivesse existido uma alteração substancial a nível da regularização do mercado monetário na Europa (que continua a denotar fragilidades), nem tão pouco uma valorização expressiva dos índices de cotações sectoriais da banca.

Também por isso, é bem possível que este tipo de exercício se venha a repetir com alguma frequência, num contexto em que o claro abrandamento da actividade económica a que se está a assistir na segunda metade de 2010 (já não só na Europa, mas também nos Estados Unidos) põe em causa a recuperação que parecia desenhar-se no primeiro semestre do ano.

Mais uma vez, a confiança (ou a falta dela) por parte dos agentes económicos e dos principais actores no sector financeiro será determinante para avaliar o futuro próximo do sector na Europa. ■

Notas

[1] O *quantitative easing* consiste na implementação da política monetária pela quantidade de moeda oferecida (controlo da oferta) e não pela evolução da taxa de juro.

[2] Nalguns casos de bancos relevantes a nível mundial essa queda é superior a 80%.

[3] O risco soberano consiste na possibilidade de incumprimento dos Estados a nível das suas próprias emissões de dívida pública.

[4] O euro face ao dólar foi considerado constante em 0,7 (0,7 euros por dólar norte-americano) em todos os períodos e cenários utilizados.

[5] O *Tier 1* corresponde aos títulos de maior qualidade na carteira dos bancos, sendo normalmente utilizado como indicador da capacidade de resistências dos bancos a choques.

[6] Em que se registou uma forte recessão na União Europeia, com um decréscimo do PIB em 2009 de 4,2%.

[7] No teste de stresse com risco soberano, o banco que mais se aproximou dos limiares críticos foi o ESFG, com 6,9%, ainda assim muito acima do requisito de capital de 4% estipulado pela Directiva de Requisitos de Capital.